

INTRODUÇÃO:

Texto base: 2 Coríntios 11. 3,4.

“Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo. Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofrereis.”

Através das pesquisas realizadas pelo IBGE, em relação a religião, com a pergunta: “Qual é a sua religião?”, vemos certo espanto com o crescimento exorbitante do número de religiões: No Censo de 1980, eram 9; no de 1991 o número subiu para 47; e, em 2000, esse número subiu para 143 alternativas organizadas por tradições religiosas.

Através desses dados, vemos que cada ano que passa se acrescenta na prateleira, religiões variadas, e isso nos faz pensar o quão a simplicidade do Evangelho vem se diminuindo ou perdendo a sua devida importância. Um dos motivos desse crescente número de práticas religiosas, é o fato de cada vez mais o ser humano sentir a necessidade de buscar algo que lhe é mais conveniente. Essa variedade religiosa surgiu pelo simples fato das pessoas não se contentarem com o Evangelho puro e simples.

Da ressurreição de Cristo, até aos dias atuais, os cristãos foram se multiplicando, organizando igrejas, criando instituições, formas e ritos. Porém, as instituições cresceram e suas estruturas se tornaram mais complexas e sofisticadas. A simplicidade do evangelho foi substituída pela complexidade institucional

DESENVOLVIMENTO:

1) O ser humano e sua “gula” por querer mais.

C. S. Lewis, na carta 17 do livro “Cartas de um Diabo a seu Aprendiz”, aborda o tema da glotonaria (o ato de comer em excesso) e afirma que uma das grandes realizações do maligno no último século foi retirar da consciência dos homens qualquer preocupação sobre o assunto, e isso aconteceu quando ele transformou a “gula do excesso na gula da delicadeza”.

Para C. S. Lewis, o problema da gula, muitas vezes, não está no excesso de comida, mas na sofisticação, na exigência de detalhes em relação ao vinho, ao ponto do filé ou ao cozimento da massa. Fica impossível atender a um paladar tão sofisticado. A simplicidade do ato de comer dá lugar à sofisticação gastronômica. Pessoas assim, segundo o autor inglês, demitem cozinheiras, destratam garçons, abandonam restaurantes, cultivam relacionamentos falsos e terminam a vida numa solidão amarga.

É isso que acontece nos dias atuais em relação ao Evangelho. As pessoas não se contentam com a simplicidade e querem acrescentar “temperos”, “acompanhamentos”, e “pitadas de sal” em suas crenças, onde acabam distorcendo o Evangelho, e com isso, criando uma variedade imensa de falsos-evangelhos. Podemos nomear isso como “self-service religioso”, onde pessoas colocam no prato de suas crenças, aquilo que querem digerir.

E essa gula faz com que, as vezes nós cristãos, tenhamos um censo crítico elevado em nossas comunidades, por exemplo: Se a música não estiver no volume perfeito, o ar condicionado no ponto exato, a pregação no tempo apropriado, com conteúdo que agrada a todos os paladares e com o bom uso dos aparatos tecnológicos, talvez eu não me agrade desta igreja.

Não estou querendo dizer que a perfeição não é importante. Temos que fazer sempre o melhor possível para engrandecer o Reino, mas não podemos entrar na armadilha de priorizarmos a perfeição e esquecermos do essencial: a simplicidade do Evangelho.

2) Simplicidade do Evangelho

Pergunta para o grupo:

- *O que é um Evangelho simples para você?*

Para explicar esse tópico e, em seguida, encerrar a lição dessa semana, coloco o trecho de um texto escrito por Ariovaldo Ramos:

“ Quero voltar para Jesus Cristo, para a boa notícia que Ele é e ensinou. Voltemos a ser adoradores do Pai porque, segundo Jesus, são estes os que o Pai procura e, não, por mão de obra especializada ou por 'profissionais da fé'. Voltemos à consciência de que o Caminho, a Verdade e a Vida é uma Pessoa e não um corpo de doutrinas e/ou tradições, nascidas da tentativa de dissecarmos Deus; de que, estar no caminho, conhecer a verdade e desfrutar a vida é relacionar-se intensamente com essa Pessoa: Jesus de Nazaré, o Cristo, o Filho do Deus vivo. Quero os dogmas que nascem desse encontro: uma leitura bíblica que nos faça ver Jesus Cristo e não uma leitura bibliólatra. Não quero a espiritualidade que se sustenta em prodígios, no mínimo discutíveis, e sim, a que se manifesta no caráter.

Chega dessa 'diabose'! Voltemos à graça, à centralidade da cruz, onde tudo foi consumado. Voltemos à consciência de que fomos achados por Ele, que começou em cada filho Seu algo que vai completar: voltemos às orações e jejuns, não como fruto de obrigação ou moeda de troca, mas, como namoro apaixonado com o Ser amado da alma resgatada.

Voltemos ao amor, à convicção de que ser cristão é amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos: voltemos aos irmãos, não como membros de um sindicato, de um clube, ou de uma sociedade anônima, mas, como membros do corpo de Cristo. Quero relacionar-me com eles como as crianças relacionam-se com os que as alimentam - em profundo amor e senso de dependência: quero voltar a ser guardião de meu irmão e não seu juiz. Voltemos ao amor que agasalha no frio, assiste na dor, dessedenta na sede, alimenta na fome, que reparte, que não usa o pronome 'meu', mas, o pronome 'nosso'.”

“Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.” Mateus 5.16

Que possamos não perder a simplicidade do Evangelho de vista. Amém.